

DIRETORES
 Antônio Carlos Coutinho Nogueira
 José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL
 Antônio Carlos Coutinho Nogueira,
 Ciro Porto, Ivan Sazima,
 José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho,
 Liana John, Paulo Nogueira-Neto,
 Sérgio Salvati, Suzana Machado Pátua

DIRETOR EDITORIAL
 Ciro Porto

EDITORES EXECUTIVOS
 Liana John
 Valdemar Sibinelli

EDITORES
 Luiz Figueiredo
 Maraísa Ribeiro
 Raul Dias Filho

EDITOR DE ARTE
 Matheus Jeremias Fortunato

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA
 Matheus Jeremias Fortunato
 Renato Munhoz

FOTOGRAFIA
 Adriano Gambarini, Du Zuppani,
 Edson Endrigo, Luciano Candisani,
 Zé Zuppani

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO
 Raisto Pires de Campos, Gustavo Fonseca,
 Jum Tabata, José Alberto Gonçalves,
 Julio Cesar Costa, Laury Cullen Jr,
 Maura Campanili, Otavio Marques,
 Renata Ursaia, Ricardo Rodrigues,
 Walimir Piva

JORNALISTA RESPONSÁVEL
 Ciro Porto (Mtb 20.414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
DIRETOR
 Sérgio Eduardo Santos

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
 Regiane Eliza Bigon

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL
 Fernando Chinaglia

IMPRESSÃO
 Globo Cochrane

ASSINATURAS
 TMKT
 Tel (11) 6846 4757 Fax (11) 6846 4780
 terradagente@tmktbrasil.com.br

NÚMEROS ATRASADOS
 (19) 3776 6507

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
 Rua Regina Nogueira, 120
 CEP 13045-900 Campinas, SP
 Tel (19) 3776 6535 Fax (19) 3776 6497
 São Paulo: (11) 3845 7761
 Rio de Janeiro: (21) 2213 0904
 Brasília: (61) 321 0305
 Porto Alegre: (51) 3245 1807
 Paraná: (41) 266 6317
 Email: terradagente@terradagente.com.br

TERRA DA GENTE é uma publicação mensal
 da Empresa Regional de Comércio Eletrônico Ltda,
 uma empresa do Grupo EPTV

CAPA
LUCIANO CANDISANI
 Espécie retratada:
 Tartaruga-verde (*Chelonia mydas*)

DEDO DE PROSA



Sobre parques e redomas

Pode-se amar o intangível? Pode a riqueza biológica ter o mesmo valor para uma população que dela não se aproxima, nem toca suas plantas ou coloca os pés descalços nas águas, nem ouve seus pássaros ou observa animais, nem vê de perto suas flores ou prova seus frutos, com todos os sabores, cores e tons?

Experimentar a natureza - e não só dela ouvir falar pela mídia - parece fazer muita diferença na história de boa parte das pessoas hoje envolvidas na conservação ambiental. Políticos, juristas, ecólogos, consultores, educadores, ativistas, jornalistas, todos temos experiências marcantes de contato direto com a natureza, que nos fizeram mudar de rumo e optar pela defesa do meio ambiente em nossas vidas.

Teríamos tomado o mesmo atalho, se o contato fosse só virtual?

Isso nos faz atentar para a relação da população brasileira com as áreas protegidas. O Brasil tem quase 16,5 milhões de hectares em parques nacionais, mas a população mal sabe o que eles protegem. A ponto de imaginar que abrigam leões, tigres, ursos, animais que nem brasileiros são.

A lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, o SNUC, permite, nos parques nacionais, o "desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico". Na prática, porém, a maioria está sob redomas legais. Salvo algumas exceções, a falta de infraestrutura adequada e, sobretudo, a dificul-

dade de fiscalização restringem o contato da população com a natureza. Em muitos casos, os parques se tornam zonas de exclusão.

Ocorre que as redomas funcionam apenas para isolar os visitantes. Não funcionam contra madeireiros, palmiteiros, traficantes e outros exploradores predatórios de recursos naturais. Pior, ao ficar fora das 'redomas', a população acaba do mesmo lado dos exploradores, sempre dispostos a tirar vantagem do que não sentem como parte do próprio universo.

Uma situação oposta à dos parques nacionais de países ricos, onde a visitação é parte da rotina da população e as áreas protegidas são consideradas extensões da casa de cada um. A fauna e a flora têm zonas exclusivas, mas, em geral, a relação com os visitantes é manejada. Os impactos negativos existem. Porém são devidamente monitorados para serem minimizados.

O fundamental, lá, é que se garante à população a chance de experimentar a natureza, conhecer os animais e as plantas. E isso leva à sensação de ser parte integrante daquela realidade, leva a opções em defesa dos parques. A população se converte num exército de fiscais, ao invés de apenas vislumbrar a riqueza biológica como um tesouro inatingível.

Não seria essa uma boa fórmula para escaparmos do círculo vicioso que hoje imobiliza nossos parques?